



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA  
PROFESSORA ORIENTADORA: CLÁUDIA MARIA BUSATO  
ÁREA: ANÁLISE DE DISCURSO

**Preconceito de gênero na Internet**  
**A análise do discurso nos blogs sobre o vídeo**  
**de Daniela Cicarelli**

Aline Magno Rodrigues da Costa Chaves  
20313705

Brasília, Junho de 2007

Aline Magno Rodrigues da Costa Chaves

**Preconceito de gênero na Internet**  
**A análise do discurso nos blogs sobre o vídeo**  
**de Daniela Cicarelli**

Trabalho ao curso de Comunicação Social, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

Prof<sup>a</sup>. Ms. Cláudia Maria Busato

Brasília, Junho de 2007

Aline Magno Rodrigues da Costa Chaves

**Preconceito de gênero na Internet**  
**A análise do discurso nos blogs sobre o vídeo**  
**de Daniela Cicarelli**

Trabalho ao curso de Comunicação Social, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

**Banca Examinadora**

---

Professora Mestre Cláudia Maria Busato  
Orientadora

---

Professor Sérgio Maggio  
Examinador

---

Professora Renata Lu  
Examinadora

Brasília, Junho de 2007

*Dedico este trabalho ao meu melhor amigo e companheiro Paulo Rená, por compreender minhas urgências e por revelar uma sábia paciência em meio a tantos disparates. Com sua dedicação típica, me ajudou no longo percurso desse trabalho. Obrigada por tudo que fez e aprendeu por mim.*

*Profundo e sincero agradecimento aos meus pais, Carlos Magno e Mara Lúcia, pelo incentivo não apenas nesse fim de curso, mas por todos os meus anos de faculdade. À minha irmã, Carolina Magno, que abriu meus olhos para tantas questões do mundo. À querida mestre Cláudia Busato, que me deu as bases necessárias para encarar esta análise. Às minhas grandes amigas: Silvia Urmila e Gizele Chaves, que estudaram, me ajudaram e me mimaram nos últimos quatro anos. Às minhas amigas Nathalia Rio Preto, Theresa Raquel, Mariana Jungmann e Natália Lambert, por não me abandonarem nos meus momentos de stress. E, por fim, ao meu amigo Alexandre Orrico, por se dispor a conversar comigo sobre gênero à exaustão.*

## RESUMO

No dia 16 de setembro de 2006 foi ao ar na Espanha um vídeo de um *paparazzo* em que a modelo Daniela Cicarelli e seu noivo Renato Aufiero Malzoni Filho trocavam carícias numa praia. Em uma semana o vídeo foi repassado pela Internet para milhares de pessoas e se tornou assunto na mídia e nas conversas dos brasileiros. No processo movido pelo casal, a Justiça de São Paulo determinou o bloqueio do *YouTube* no Brasil até que o vídeo fosse retirado do ar. A análise da repercussão do episódio nos blogs permite mensurar as nuances do tratamento simbólico-representativo que foi dado em relação às questões de gênero. A observação das estruturas de sentido do contexto sócio-histórico e ideológico em que foram proferidos os discursos dos blogueiros permite visualizar que em seu universo virtual, a internet reproduz os velhos conceitos morais e permite uma nova espetacularização dos papéis típicos de gênero. Contra o comportamento sexual de Cicarelli, entendido como transgressão aos limites da feminilidade, verificou-se uma agressividade contundente, mas que não se leva a sério. Uma idéia maniqueísta que embasa a construção de uma sexualidade feminina de acordo com o binômio santa-pura/prostituta-impura, entre outros fatores potencializada no episódio por se tratar de uma mulher bonita que vive de sua beleza, o que a faz "digna" tão-somente de desconfiança.

**Palavras-Chave:** Cicarelli, Blog, Internet, Discurso, Gênero, Estrutura.

# SUMÁRIO

Introdução .....	9
1. Convite à sociabilidade da fofoca.....	11
2. Ciberespaço: lugar-comum do discurso admitido .....	16
2.1 Anonimato e jocosidade na dissonância entre público e privado.....	19
3. Dês-identidade feminina e personalidade de gênero .....	24
3.1. Uma idéia maniqueísta: o binômio santa/prostituta .....	24
3.2. O (des)respeito à (im)pureza: limites ao exercício da sexualidade .....	28
3.4. A beleza feminina: o medo do canto da sereia .....	31
3.7. O espetáculo asbrato de uma punição concreta.....	33
Conclusão .....	37
Referências Bibliográficas.....	40
Pesquisa em sites .....	41
<i>Blogs</i> pesquisados.....	42
Apêndice: O que é um <i>blog</i> ? .....	44

## INTRODUÇÃO

Pensar em escrever sobre o vídeo de Cicarelli não foi uma decisão instantânea. Desprezei o vídeo, como por vezes descarto tantas outras “polêmicas” midiáticas. No entanto, o caso Cicarelli parecia nunca chegar a seu fim.

Matérias sobre o vídeo, sobre a vida da modelo, sobre o processo judicial e o bloqueio do *YouTube* apareciam em todos os meios de comunicação. Estava ainda nos *blogs*<sup>1</sup> jornalísticos e pessoais, nas discussões de bar e nos programas de fofoca da TV. Por fim, os boatos me venceram pelo cansaço.

Lendo a esmo o que saía na Internet, achei curioso que a discussão tratasse exclusivamente de Cicarelli. Assim, foi a forma com que o assunto era tratado que me chamou a atenção, mais do que a repercussão do vídeo, o interesse generalizado pelas imagens, ou o sem número de matérias publicadas quase “em tempo real”.

Pouco se falava sobre o *paparazzo* ou a questão do público e do privado, e muito se questionava sobre o futuro publicitário de Daniela, seu prejuízo moral e como ela tinha se “queimado” perante o público. Navegando pelos *blogs*, que mais tarde descobri, percebi que o público realmente estava colocando em xeque a moral da apresentadora, que fez sexo daquela forma, não digna de uma mulher. Tratava-se, portanto, de uma questão de gênero.

Cheguei a cogitar abrir um *blog* para me pronunciar sobre o assunto, mas seria grande o risco de não me diferenciar de tantas pessoas, no Brasil e no exterior, falando bem ou mal de Cicarelli, de forma superficial, simplista, boba.

Concluí que uma melhor forma de oferecer uma opinião genuinamente distinta, algo que fosse mais que um mero novo *post* no universo sempre crescente da chamada “blogosfera”, seria eu me preparar e investigar. Antes de apenas falar qualquer coisa, deveria conhecer melhor os acontecimentos e só então utilizar os meus conhecimentos teóricos, que precisariam ser revisitados nos livros que li durante a graduação. Nascia assim o presente trabalho.

Em momento nenhum achei que seria simples desconstruir o binômio santa/puta, que tanto me incomodava no episódio. Precisava de uma boa base argumentativa e de uma

metodologia que me permitisse dar atenção a todos os detalhes assustadores que tanto lia. As pessoas, da forma mais natural, proferiam pesadas ofensas contra a apresentadora. Mais que inconseqüência, percebia que o senso comum reprovava massivamente a modelo.

Por isso, achei que seria mais enriquecedor observar o que estava sendo falado, e não exatamente o que havia acontecido. Antes que me desse conta, peguei-me no curso de uma despreziosa “análise” dos discursos presentes nos *blogs*, que vinham muito carregados das questões de gênero que as teorias feministas havia décadas combatiam. Em contato com o arcabouço teórico da Análise de Discurso e a partir dos conceitos das teorias de gênero, o presente trabalho foi um esforço para, dando uma forma acadêmica a minhas intuições, atingir conclusões concretas e sustentáveis sobre o tema.

Previamente, com o auxílio de algumas ferramentas de busca, foram selecionados para análise 14 trechos de *posts* e comentários presentes em 8 *blogs*, que condensavam o que se dizia de forma difusa e repetida por toda a Internet. Para entender esse turbilhão de informações caóticas, o primeiro passo foi costurar um relato do episódio, organizando os detalhes relevantes das numerosas notícias disponíveis e somando dados obtidos posteriormente, o que se observará no Capítulo 1 desta monografia.

O segundo passo foi pensar a Internet como espaço comunicativo, dotado de algumas especificidades que a distinguem dos demais meios, mas não a ponto de alterar as representações sociais. Questionar em que grau a revolução tecnológica afetou o espaço público, local de manifestação da alteridade e de construção dos sentidos sociais encerra o conteúdo do Capítulo 2.

Por fim, usando a metodologia da Análise de Discurso, no Capítulo 3 foram observados os sentidos embutidos nas falas dos internautas, problematizando-os principalmente através do prisma das teorias de gênero.

---

<sup>1</sup> Para uma maior explicação, ver o apêndice “O que é um *blog*?”.

## 1. CONVITE À SOCIABILIDADE DA FOFOCA

- Você já recebeu o vídeo da Cicarelli?

- Ainda não. Me manda!

A mineira Daniela Cicarelli Lemos, hoje com 28 anos, abandonou o curso de Administração de Empresas na cidade de Belo Horizonte para seguir a carreira de modelo em São Paulo. Em 2001 estrelou uma campanha publicitária nacional da Pepsi que a elevou ao *know how* da fama. No mesmo ano dessa experiência profissional, foi chamada para interpretar Larissa, personagem que fazia par romântico com o ator Reynaldo Gianecchini, na novela das 7 da Rede Globo, *As Filhas da Mãe*.

Em 2002 começou sua carreira de apresentadora na rede de TV voltada para o público jovem, MTV, onde comandou o programa *MTV Sports* ao lado do jogador de tênis Fernando Meligeni. Enquanto acumulava projeção no currículo, incluindo o bem-sucedido *Daniela no País da MTV*, até os atuais programas *Beija Sapó* e *Batalha de Modelos*, consagrou-se como modelo e apresentadora, além de realizar diversos trabalhos publicitários, que a tornaram uma personagem popular entre os telespectadores da TV aberta.

Na ocasião do contrato de publicidade firmado com a empresa telefônica TIM, conheceu o jogador de futebol e ídolo brasileiro Ronaldo “Fenômeno”, com quem teve um relacionamento amoroso que a alavancou ainda mais à fama, a compromissos e, ao final, ao desgaste da própria imagem com um casamento mal sucedido. Fato amplamente divulgado, em 14 de fevereiro de 2005, Daniela e Ronaldo se casaram em suntuosa cerimônia no Castelo de Chantilly, no norte da França. Com apenas sete meses de um casamento coberto massivamente pela mídia, logo após a apresentadora anunciar a gravidez e sofrer um aborto espontâneo, o casal se separou.

Cicarelli se tornou figura constante nas pautas da mídia marrom desde seu noivado, em setembro de 2004. Os comentários da época rodeavam com cuidado e, às vezes nem tanto assim, o suposto aumento do cachê de seus trabalhos como modelo. Expressões como “golpe do baú” vieram à tona quando os interessados pelas fofocas não compreendiam como podia um casal formado por uma modelo e o jogador mais querido do Brasil, mas não tão bem apessoado, poderia se casar sem maiores interesses por parte dela.

Em julho de 2006, passados os “escândalos”, Daniela Cicarelli começou o namoro com o empresário paulista Renato Aufiero Malzoni Filho. Dessa vez, quem ganharia mais visibilidade seria ele, por namorá-la, mas não por muito tempo. O vídeo feito pelo *paparazzo* espanhol Miguel Temprano do casal trocando carícias e fazendo sexo no mar de uma praia espanhola fez com que Cicarelli retornasse à pauta da mídia sensacionalista, porém agora como estrela de um show indesejado por ela e o namorado, que tomou proporções maiores. Apesar de a filmagem envolver dois sujeitos, apenas ela teve a imagem exposta no espaço público, midiático e no ciberespaço.

No dia 16 de setembro de 2006 o espanhol Miguel Temprano visitou o programa *Sábado Dolce Vita*, do canal Telecinco, para apresentar um vídeo polêmico. A modelo e apresentadora de televisão no Brasil, Daniela Cicarelli Lemos, e seu então noivo, o empresário brasileiro Renato Aufiero Malzoni Filho, haviam sido filmados pelo *paparazzo* durante uma tarde de intimidade em uma praia na cidade de Tarifa, na Espanha.

Para a apresentação do vídeo, o espanhol realizou uma edição laboriosa, com efeitos, trilha sonora romântica e uma narração maliciosamente didática. Ele manipulou as imagens de forma a conferir-lhes um ritmo progressivo, para assim apresentar famigerados personagens sensuais, protagonistas de uma trama cuidadosamente construída com ares de mero flagrante por olhos de um *voyeur*.

Horas antes de o *paparazzo* mostrar ao vivo seu trabalho, o site do programa *Dolce Vita* colocou no ar uma chamada e um texto a respeito do vídeo que prometia ser um escândalo. Primeiro, a chamada:

A paixão brasileira<sup>2</sup>

Um pôr- do- sol na praia, Daniela Cicarelli e seu noivo dentro da água e um *paparazzo*, Miguel Temprano, immortalizando cada segundo em que o casal dá a rédea frouxa a seus instintos mais selvagens.

Em seguida, o texto:

Daniela Cicarelli e seu novo noivo passaram um dia em Tarifa onde aproveitaram ao máximo o tempo bom e a praia. Em um desses dias de mais calor, o casal decidiu dar rédea frouxa a sua paixão. Nenhum dos dois teve cuidado ao desfrutar dos prazeres da carne, sem se importar nem com o público nem com as câmeras. Depois de desfrutarem de um bom rala-e-rola na

---

<sup>2</sup> Os textos do site em espanhol foram traduzidos livremente para o português.

areia da praia, o casal ardente decidiu entrar na água para acabar com o que haviam começado.

As imagens mais tórridas do casal ocorreram ao entardecer. Daniela e seu noivo entraram na água, onde pensaram que ninguém os veria, a brasileira rodeou com suas pernas o quadril de seu noivo e a paixão inundou seus corpos. Finalizado o pacote que os levava a entrar na água, o casal se aproximou do lugar onde seus amigos os esperaram para continuar a festa.

O texto, em tom apelativo e sensacionalista, narra basicamente o que aconteceu. Mas sua estrutura deixa bem claro o quê o *paparazzo* e o veículo de comunicação pretenderam ao escolher a estrela da trama. Seria desnecessário explicar mais detalhadamente as imagens, se esse relato não tivesse fim acadêmico. Aqui, a descrição do vídeo é indispensável.

Frases surgem na tela como flashes explicativos. A primeira denomina o filme como “Uma tarde de amor”<sup>3</sup>, e em seguida indica-se a protagonista da ação que está por vir: “com Daniela Cicarelli”. Como se estivessem tão quentes quanto a própria tarde espanhola, o casal de noivos bebe “sangria para se refrescar” do calor. Como se ela pedisse, “Abra-me, bobinho”, “aumenta a paixão” entre os dois. Deitados na areia, dominados pelo “gosto” um do outro, trocam beijinhos; entregues ao “olfato”, tocam suavemente os narizes; submetidos ao “tato”, e ela, em pé, faz cafuné enquanto recebe beijos nas coxas: é o “império dos sentidos”. “Chega a hora do tira-gosto”, e eles dividem “um picolé contra o calor”. Será que eles vão se refrescar, “Ou não?” Será que ficará ainda mais quente? Tem início o evidente “erotismo”, quando ele apalpa o bumbum dela e “em plena luz” se mostra excitado em sua sunga de banho. “O casal busca intimidade” e se afasta, caminhando em direção a um local mais afastado. Eles se beijam em pé na beira da água e “o desejo os possui”. “Não controlam seus instintos” e trocam carícias íntimas. “A água acalmará o calor?” Para responder a pergunta, a música cessa e o vídeo deixa evidente que o casal, dentro do mar, pratica um ato sexual. Por fim, eles saem da água e retornam para a areia, onde encontram seus amigos.

O *paparazzo* Miguel Temprano pretendia apresentar o vídeo de quatro minutos como um *trailer* para atizar a curiosidade da emissora sobre o restante das imagens, num total de vinte e três minutos, o qual planejava vender por um preço condizente com a sagacidade de seu trabalho. Todavia, sua intenção foi frustrada. Primeiro, porque a exclusividade da apresentação se dissolveu rapidamente, uma vez que minutos após ir ao ar, o vídeo já estava mundialmente disponível no site de compartilhamento de vídeos *YouTube*. Além disso, o

---

<sup>3</sup> As legendas em espanhol foram traduzidas para o português e são aqui apresentadas entre aspas.

*trailer* continha uma trama tão bem amarrada, com início, meio e fim, que foi capaz de entreter e chocar por si só, e a pretensa curiosidade do público não se concretizou.

Enquanto o *paparazzo* espanhol e sua agência representante, a *Queen International*, lamentavam a existência da internet (G1, 2006), a circulação do vídeo tomou proporções bombásticas entre os brasileiros. Já no primeiro dia, o vídeo foi acessado 15 mil vezes (FOLHA ONLINE, 2006). Em uma semana o vídeo foi repassado para milhares de pessoas e se tornou assunto nas conversas cotidianas do brasileiro médio.

Daniela e Tato entraram com uma ação contra as Organizações Globo, a IG e o YouTube, sustentando que a veiculação do vídeo nos sites dessas empresas, sem o seu consentimento, teria violado seus direitos à imagem, à privacidade, à intimidade e à honra. O juiz da 23ª Vara Cível não considerou ser necessária a retirada imediata das imagens do ar, preferindo aguardar a apresentação das defesas. O casal recorreu ao Tribunal de Justiça de São Paulo, que inverteu a decisão e determinou que, em caso de descumprimento, os sites estariam sujeitos a multa diária de R\$ 250 mil (PORFÍRIO, 2006).

A medida foi acatada pela Globo.com e pelo IG, mas, apesar dos esforços do *YouTube* para retirar o vídeo do ar, os internautas continuaram recolocando as imagens no site (FOLHA ONLINE, 2007). Isso levou o Tribunal a emitir a decisão mais polêmica de todo o episódio: determinou-se o bloqueio do *YouTube* no Brasil até que o vídeo fosse retirado do ar.

Prontamente atendida pelas empresas provedoras de acesso à internet, a decisão foi tomada pelos usuários do *YouTube* como uma afronta de Daniella Cicarelli contra o direito de navegar pelo site, cujo acervo conta com inúmeros outros vídeos que nada têm a ver com a modelo.

Quando o Tribunal explicou que a decisão se limitava às cópias do vídeo, e não a todo o site, a imagem de Daniela já estava devidamente arranhada. Jovens chegaram a organizar manifestações em frente à MTV contra a apresentadora. Até a *Hope*, marca de Lingerie da qual ela é garota propaganda, foi alvo de protestos.

À margem da disputa pelos direitos de reprodução do vídeo, mas no centro de toda a discussão, Daniela Cicarelli foi a mais prejudicada pelo episódio, pois se tornou alvo comum para aqueles que expressavam sua opinião. Em todas as oportunidades, os críticos do seu

comportamento deixavam transparecer, para além do moralismo, um forte preconceito de gênero.

Por isso, mais do que analisar o vídeo e os seus porquês embutidos, é interessante observar os ecos na própria internet. Mas não a repercussão nas manchetes de profissionais do jornalismo, elaboradas com o propósito de atrair audiência<sup>4</sup>, nem mesmo nos textos noticiosos, cujo prazo de validade se propõe ser de apenas um dia. A repercussão será observada a partir dos *blogs*, os quais se mostram um campo fértil para a análise dos aspectos sociais embutidos na fala. Simulacros de coluna opinativa, em que o autor tem maior liberdade tanto na forma quanto no conteúdo do texto, eles trazem uma fala despida das exigências jornalísticas de título, *lead*, desenvolvimento, fonte etc.

Se a observação da exteriorização da opinião do indivíduo permite mensurar as nuances do tratamento simbólico-representativo que são dadas a cada esfera social nos discursos cotidianos, é nos blogs que esse discurso da estrutura pode ser alcançado sem maiores intermediários.

Assim, na presente análise, pretende-se descrever como o motor dos discursos sociais foi acionado a partir da circulação do vídeo de Daniela Cicarelli e seu namorado. Vídeo que, aliás, nunca foi do casal, mas apenas do público.

---

<sup>4</sup> Por exemplo, só lendo a matéria “Cicarelli passou dos limites com vídeo, diz Bruna Surfistinha” (RIPARDO, 2006), pode-se perceber como o título incita a polêmica ao distorcer as declarações da autora de “O doce veneno do escorpião”.

## 2. CIBERESPAÇO: LUGAR-COMUM DO DISCURSO ADMITIDO

*“O mundo virtual não inova, ele simplesmente repete as imagens, os valores e os textos do mundo real” Sérgio Dayrell Porto*

Como espaço de comunicação, a Internet se caracteriza por oferecer ampla possibilidade de velozes trocas de informações, que inauguram um tempo próprio, e a partir do qual se cria um universo simultâneo. As distâncias são ocultadas pela agilidade da comunicação, alterando as noções de tempo e espaço, de modo que uma praia espanhola se encontra logo ali, a um clique do Brasil.

O universo dos sites, além de dar espaço para uma quantidade ilimitada de assuntos, permite o acesso às inúmeras especificidades de cada um deles. Por sua vez, as pessoas, embora também se componham de especificidades, se restringem apenas às informações que sejam do seu interesse.

Ela não faz nada de novo a não ser acrescentar velocidade e agilidade à comunicação, aliás, características da pós-modernidade e sua bricolagem de infinitas coisas em um só espaço. Dessa forma, embora haja o acesso a muita informação, a importância é dada apenas ao que se gosta e o resto é descartado. A internet é um espaço de reprodução de interesses e grupos de interesses, que também existem no mundo real. Seu diferencial é a seletividade.

Nesse contexto, em que as infinitas possibilidades virtuais de acesso se contrapõem às finitas capacidades reais de assimilação, terão destaque os assuntos que interessarem ao maior número de navegantes. Não é necessário investigar muito para se obter um exemplo: sexo é um tema praticamente onipresente. Quando, além do sexo, o assunto envolve uma celebridade, a relevância do acontecimento se torna inegável.

Por reunir essas duas características o vídeo tomou forma de um fato noticioso, uma informação imperdível, cuja circulação era necessária do ponto de vista jornalístico, ainda mais considerando a sua carga de atualidade. Afinal, na temporalidade virtual, o conceito de atual foi “encurtado”, aumentando a constante procura pela novidade.

Na circulação virtual de informações, as pessoas tecem expectativas sobre os interesses uma das outras, pressupondo que sejam os mesmos. A partilha é o elemento

essencial da Internet e dos usuários que a mantêm. É possível que cada indivíduo não apenas receba informações, mas também envie. Ela oferece ferramentas e mecanismos para diversos meios de replicação: desde o infinito encaminhamento de e-mails até o simples recorta-e-cola de um link, tudo no conforto do mouse.

Um e-mail que chame a atenção merece ser repassado imediatamente e para o maior número de amigos. Por essa lógica, todo mundo “precisa” ver o vídeo da Cicarelli fazendo sexo, com quem quer seja.

Interessante notar que apenas a praticidade comunicativa não é suficiente para explicar o fenômeno da circulação do vídeo, inclusive porque em dado momento houve mais empecilhos que facilidades para quem quisesse assisti-lo.

Na verdade, sob o manto da simples atualidade, e para além da mera circulação de uma “notícia”, essa lógica de partilha somente se sustenta por conta de uma estrutura que, mesmo não percebida, conecta os sujeitos por meio de símbolos comuns, produzidos e reproduzidos socialmente.

É necessário ressaltar que tal estrutura deve ser entendida como um conceito, o qual, ainda que abstrato, serve aqui como instrumento teórico de explicação. A noção de estrutura social não se refere à realidade em si, mas aos modelos teóricos elaborados de acordo com ela e para explicá-la. No caso, a partir do estudo das relações sociais são delineadas as estruturas sociais, como modelos de entendimento que conferem sentido a essas relações (LÉVI-STRAUSS, 1976).

Nas extremidades receptoras que a internet media, estão os indivíduos que a mantêm, os quais, além de serem sexualizados, estão imersos em uma sociedade que não só supervaloriza o sexo, como espetaculariza qualquer referência a ele.

Assim, a partir da estrutura social em que o sexo é extremamente atrativo, é de se esperar do conjunto da sociedade uma curiosidade diligente quando o assunto envolve, além de sexo, uma celebridade. E exatamente por esse motivo foi tão fácil que, em apenas uma semana, o vídeo já tivesse sido visto por grande parte dos brasileiros com acesso à rede, que apenas preenchiam expectativas inseridas na estrutura social, em conformidade com a linha de pensamento do *paparazzo*. São todos *voyeurs*?

No caso do vídeo, podem ser observados vários elementos: sexo, celebridade, novidade, atualidade, internet, praticidade, fofoca, sensacionalismo, entre outros. Tomados como símbolos, cada um carrega um sentido próprio, construído socialmente. Logo, para analisar a junção desses símbolos nesse fenômeno específico, a teoria das representações se mostra um instrumental adequado, pois permite enxergar como se estrutura a sua significação social. É na coletividade que o sujeito se identifica com ele mesmo e com o outro; é por e para o outro que se faz a identidade social.

A teoria das representações sociais se articula tanto com a vida coletiva de uma sociedade, como com os processos de constituição simbólica, nos quais sujeitos sociais lutam para dar sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontrar seu lugar, através de uma identidade social (JOVCHELOVITCH, 1994, p. 65).

Como espaço público, lugar de alteridade, a internet demonstra que os papéis, apesar de distantes, representam a estrutura social que existe paralelamente ao mundo virtual. Em seu universo de socializações e sociabilidades próprias, a internet não somente reproduz e dissemina velhos conceitos morais. Ela permite uma nova espetacularização, uma nova forma de “teatralizar” os papéis típicos.

O espetáculo é uma ferramenta de pacificação e despolitização: “uma permanente guerra do ópio” (DEBORD, 2003: 26). Embora a presente análise não adote a visão de que o indivíduo se pacificou frente ao mundo em decorrência das forças obscuras do capitalismo, é incontestável a profunda mudança nos papéis sociais após a cultura midiática ter capitalizado o que antes era privado e gratuito.

Sob a influência de uma cultura “imagética multimídia”, os espetáculos sedutores fascinam os ingênuos e a sociedade de consumo, envolvendo-os na esfera de um novo entretenimento, informação e consumo, que passam a determinar profundamente o pensamento dos indivíduos e a vida em sociedade (PATIAS, 2005).

Também se pode observar uma mudança direta na dinâmica social (SILVERSTONE, 1999). A vida em sociedade não depende apenas do jogo das circunstâncias objetivas, das condições e do condicionamento da estrutura ou da história. Ela exige, de maneiras complexas e sutis, a ativa participação dos sujeitos. As pessoas participam da dinâmica social realizando e reproduzindo os papéis emprestados pela estrutura para diversas situações na vida social. As interpretações que ocorrem a cada minuto permitem ao sujeito reconhecer e sustentar certas normalidades, ordinariedade, segurança e identidade de si mesmo e de seus iguais.

## 2.1 ANONIMATO E JOCOSIDADE NA DISSONÂNCIA ENTRE PÚBLICO E PRIVADO

Na modernidade, a vida privada se exteriorizou e foram intensificados os comportamentos performativos, nos quais o sujeito se apresenta simultaneamente para o outro e para si mesmo, criando tanto o social como o individual. O papel da mídia foi permitir aos sujeitos a construção de um leque de identidades, destinadas a diferentes públicos, em diferentes palcos.

No espaço público específico da Internet, os atores podem ser anônimos, pois é uma ferramenta que ao mesmo tempo expõe o indivíduo ao outro, o protege de qualquer rechaça. Nisso, aumenta os cenários para as atuações e performances sociais. No caso da repercussão do vídeo nos *blogs* da internet, os internautas se mostraram agressivos. Uma violência abrigada pelo ciberespaço que, no mundo real, provavelmente não aconteceria se estivessem frente a frente com a modelo.

Primeiramente, o que permite ser mais violento em um julgamento é a perspectiva de, mesmo assim, não ser indelicado diretamente com ninguém. Outro elemento característico dos *blogs*, assim como as interações fora do universo virtual, é a aprovação de um grupo que se quer fazer parte. Dentro dele, o discurso toma força pelo sentimento de confraria entre os membros, no caso, as pessoas que seguem a mesma linha de raciocínio do blogueiro. Funciona como, por exemplo, um linchamento. Um julgamento que toma força pela coletividade, no qual a ação se legitima por e para ela.

Nesse momento, o ator acredita na sua representação. Não apenas em seu personagem na trama, mas em sua função social. Ele acredita que está pondo em prática um papel social, extrapolando o “eu” individual, para um “eu” coletivo. Nesse sentido, sobre violência de gênero que pode-se dizer que:

A exaltação da exterioridade das subjetividades contribui para a instalação de uma violência *hard* teatralizada. Os sujeitos podem se pensar como se apenas personagens fossem. Assumem as máscaras da agressividade e da violência como se não tratassem deles mesmos, mas apenas da encenação de jogos. Onde as performances são mais excitantes que as posições de sujeito em eixos sociais e em redes sociais, ou seja, em vidas relacionais (MACHADO, 2001, p. 27).

A manifestação violenta dos blogueiros, veiculada pela Internet, pode ser entendida como um jogo unicamente virtual, desconectado da realidade social concreta efetivamente

vivida pelo indivíduo, o qual não enxerga nenhuma experiência direta com a modelo. A relação entre o internauta e Cicarelli pressupõe que ela não seja levada a sério porque seja limitada ao papel linear de celebridade.

Entrar num espaço e num tempo para brincar é transpor um limiar, deixa algo para trás – um tipo de ordem – e apreender uma realidade diferente e uma racionalidade definida por suas próprias regras e termos de troca e ação. Brincamos para deixar o mundo. Mas não é o mundo. E retornamos (SILVERSTONE, 2002: 115).

A “brincadeira” que se seguiu por muito tempo ultrapassou os limites e regras de jogo quando, na vida real, Cicarelli deu mostra de seu incômodo ao processar os sites de notícias que disponibilizaram o polêmico vídeo. Tratava-se, portanto, de uma brincadeira unilateral, na qual os “protagonistas” não viam graça nenhuma.

Todavia, o apelo e entrevista que a modelo concedeu à Folha de São Paulo, por exemplo, não mudaram o comportamento jocoso do público. O acontecimento pairava pelos ares do entretenimento e de lá, ninguém se dispôs a retratar de outra maneira. Se Cicarelli é uma piada, todos queriam contá-la.

No entanto, cabe aqui o ditado “toda brincadeira tem seu fundo de verdade”. Afinal, as regras da brincadeira só existem por conta do conceito de regra que na vida real se estabeleceu. Por detrás do tom de graça, o discurso era puro e direto e não se submetia a filtros além daqueles selecionados pelo próprio blogueiro.

O ponto principal é que ao falar, o sujeito o faz de uma maneira e não de outra. As palavras, os conceitos, a ideologia, tudo é pinçado em um leque de poucas opções, que impõem limites para a escolha da fala. Mas o limiar entre a escolha e a inconsciência é muito sutil. Em outras palavras, o instante da seleção é tão curto, que é compreensível tomá-lo como espontâneo, original do próprio sujeito.

Ora, se há outras pessoas que pensam da mesma maneira, a idéia de inovação cai por terra. Afinal, se a maioria pensa como “o sujeito”, e a este não se faculta a origem do dizer, retorna-se ao conceito de estrutura:

Embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade (ORLANDI, 2005: 35).

Quando um blogueiro se utiliza de certos termos para postar o que pensa, não percebe que tudo aquilo só faz parte de um discurso maior que si mesmo, embora já preveja a repercussão. Apesar de saber que sua idéia será ratificada por outros, via comentários, não enxerga inteiramente o processo que o levou à escolha da fala.

Por isso não seria útil perguntar aos blogueiros sobre os “porquês” de seu discurso, já que em si ele apenas enxerga coerência e se dispõe a mantê-la:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer com “X”, o que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos de sentidos estão ali presentificados (ORLANDI, 2005: 32).

A Análise de Discurso é um campo próprio da lingüística e da comunicação especializado em analisar as construções ideológicas presentes no texto. Para encontrar a resposta da pergunta “o que o texto quer dizer?”, a AD investiga suas entrelinhas, onde reside a ideologia. Seu objeto de estudo é o discurso e suas bordas, partindo sempre do pressuposto de que a linguagem não é nunca transparente.

Ao se utilizar do discurso majoritário, presente na estrutura social, o blogueiro toma para si o poder que está no discurso, e não em si próprio. A internet lhe dá outro poder, o de se expressar, ainda que tal expressão se limite a repetir outras manifestações já proferidas em meios diversos e por outros sujeitos. Trata-se de um meio novo, para a reprodução de velhos discursos.

A internet surgiu como um espaço inovador, livre dos interditos do mundo concreto. As possibilidades pareciam infinitas. Contudo, os usuários estão impregnados de velhos discursos, de antigos padrões. Mesmo com todo o potencial de novo meio, a utilização que dele se faz segue orientada por uma cultura ainda intacta (PORTO, 1999: 94).

A escolha de um discurso está intrinsecamente ligada ao poder:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que (...) o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOCAULT, 1996: 10).

Pela relação de poder fundada no discurso técnico da medicina, quando um remédio é prescrito, o paciente não questiona a autoridade de seu médico. Isso porque o discurso médico se insere num horizonte teórico restrito, identificado pela Análise de Discurso como “comunidade discursiva”. Como explica Foucault, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 1996: 37). Por outro lado, no caso das questões de gênero, o discurso não é detido por um número restrito de sujeitos que dominam certas regras, mas trata-se de reposições de sentido difundidas na sociedade.

Provavelmente um médico pense o mesmo que o seu paciente sobre o vídeo da Cicarelli, e até troquem uma ou duas piadas ao final da consulta. Em todo caso, a “piada”, para ser engraçada, deverá pressupor que ambos partilhem uma mesma opinião sobre o caso, no que tange à sexualidade feminina, limites da privacidade, a habilidade do *paparazzo*, a velocidade da internet etc.

É certo que a piada será engraçada, mesmo considerando a improbabilidade de duas pessoas que não se conhecem terem uma mesma opinião sobre temas tão diversos. A estrutura social, com os significados presentes em suas representações, torna essa congruência muito mais que uma mera coincidência, pois não se tratam de posições aleatoriamente escolhidas.

Para atingir o máximo grau de espetáculo em seus *posts* sobre o vídeo da modelo Daniela Cicarelli, e receberem um grande número de comentários, os blogueiros optaram pelo esperado discurso da maioria, considerando que não há muitos discursos disponíveis sobre gênero. Tais comentários, em conjunto com os *posts*, constituem manifestações discursivas bastante carregadas de relações de sentido.

Cada comentário é um novo discurso que dá novo significado ao original, pois expressa o que estava oculto no post. Em paradoxo, os “comentaristas” dizem pela primeira vez o que o blogueiro já havia dito e repetem o que ninguém havia dito (FOUCAULT, 2006, p. 21-26). Por isso, os comentários presentes nos blogs são tão importantes quanto os *posts*: eles dão voz ao silêncio, ao não-dito, referendando a opinião central, mas também expressando juízos de valores até então ocultos no contexto, pressupostos na comunicação.

Mas como analisar o caso, em que a própria exposição da modelo Daniela Cicarelli constitui objeto de análise, por vezes defendida como uma “liberdade”, um direito dos blogueiros? A análise do discurso problematiza as manifestações da linguagem, para superar

sua opacidade, não com a promessa ilusória da onisciência, mas em busca de uma postura menos ingênua, diante de sua inevitável simbologia, na qual a relação entre sujeito e o sentido é sempre imprevisível, mas nunca aleatória (ORLANDI, 2005: 9-10). Assim, utilizando-a como instrumento, podem ser investigados os motivos que levaram os blogueiros à “escolha” de seus discursos.

Cabe ao analista do discurso formular uma questão que se coloque no ponto de partida, e selecionar os conceitos com que trabalhará, em buscar de regularidades nos discursos dos blogs, comparando-se com seu exterior, para observar a ideologia dos sujeitos falantes. A proposta aqui, portanto, não é de se posicionar contra a relação dos namorados filmados, ou defendê-la, mas investigar as condições em que se produziu o que foi dito nos blogs sobre o episódio, marcado pela exposição explícita do livre exercício da sexualidade feminina.

### 3. DES-IDENTIDADE FEMININA E PERSONALIDADE DE GÊNERO

*“Estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular da sexualidade; talvez não cheguemos nunca a isso e, quem sabe, não estejamos indo nessa direção” (FOCAULT)*

Todos sabem que existem homens e mulheres. Mas, na estrutura social, culturalmente construída, há muito mais significado por trás dessa diferenciação. À visível distinção dos fenótipos, são agregadas características comportamentais, performances, papéis sociais. Estes, por mais que pareçam, não são naturais. E sua valoração é hierarquizada, o que faz das relações sociais assimétricas. Assim, na diferenciação entre os gêneros, identifica-se uma forma primária de dar significado às relações de poder.

Dentro desse conceito, existem normas que:

Expressam interpretações dos significados dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária fixa que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino (SCOTT, 1995: 86).

De cada indivíduo, seja homem ou mulher, são esperadas posturas e características do respectivo gênero. Sua personalidade é socialmente forjada de forma programática, sendo desnecessário imaginar todas as situações possíveis para dizer o que é certo fazer em cada uma delas. Um homem e uma mulher não precisam experimentar uma guerra para saber quem irá e quem não irá lutar. Mas essa diferença se revela problemática quando se observa que ela impõe uma hierarquia, que em geral valoriza mais os comportamentos do homem. Isso é possível, entre outros fatores, devido a uma educação diferenciada, que constitui formas específicas de internalização de valores sociais de grupo (GUEDES, 1995: 11).

#### 3.1. UMA IDÉIA MANIQUEÍSTA: O BINÔMIO SANTA/PROSTITUTA

Cabe ao homem ser detentor de uma sexualidade naturalmente livre, e isso justifica o não-reconhecimento de conseqüências negativas de seus atos. Para a mulher cabe o binômio prostituta/santa, em um conceito maniqueísta que forja sua sexualidade.

Santa é a mulher que cuida dos filhos, ou que, no mínimo pretende tê-los. Merece o respeito de todos por ser mãe de alguém, e não por ser ela mesma. Como não há espaço a desejos em sua imensa vocação para o amor, é sua atribuição frear os saudáveis impulsos do homem, o ativo, que detém o dispositivo que aciona o amor por ela tão esperado. O romance, a emoção, os gestos modestos e a passividade preenchem com orgulho o coração dela. Para não sofrer opressões, essa mulher se molda conforme a única personalidade positivamente valorada pela sociedade: a de mulher honesta.

Seu oposto é a mulher prostituta, a devassa que usa do corpo para sanar seus caprichos através do homem. Sua natureza perversa a faz sedutora e seu pecado é não fazer questão de frear sua má índole. Como foi escrito no site do programa *La Dolce Vitta*, essa mulher “dá rédea solta a seus instintos mais selvagens”. O exercício livre dessa sexualidade representa um perigo para a moral social, que ao mesmo tempo a deseja e a renega.

Embora na modernidade a mulher não se limite ao maniqueísmo, é preciso admitir que para tachar Cicarelli essa é a representação social que os blogueiros usam para justificar seu discurso, conforme se verifica no seguinte comentário de um dos blogs analisados<sup>5</sup>: “claro, senhor safadenho que todos nós queríamos uma vadia dessas pra trepar, ainda mais por ser vadia, mas não muda o fato dela ser super piranha. Não é qualquer uma que de tão exitada trepa no meio de uma praia com gente...” (MURMUR, comentário em “...E não é que pegaram a Daniela Cicarelli trepando na praia?”).

O comentário segue um post que como outros muitos questiona o direito de Cicarelli processar o site *YouTube* pela divulgação do vídeo. Se como celebridade, ela já não era vista como pessoa completa, com o episódio sua imagem piorou bastante. “Devassa”, Daniela não tem personalidade, apenas um estigma. Sendo assim, cabe à sociedade lhe impor a condenação, o castigo e o maltrato. Ela não é uma pessoa comum, que anda de bicicleta ou gosta de sorvete de chocolate, mas simplesmente uma “não-pessoa”. Por conta disso, torna-se impossível levá-la a sério, o que dá fim a suas vontades e direitos.

Diante da surreal questão “quem deve sair do país: Daniela Cicarelli ou *YouTube*?”, proposta pelo blogueiro DUARD, a resposta é unívoca: “a vagabunda da Cicarelli” (JONATHAN, comentário para o post “Cicarelli Fora do País ou *YouTube*?” em Carlos

---

<sup>5</sup> Por seguir expressamente os dispositivos metodológicos da Análise de Discurso, optou-se pela reprodução dos fragmentos de diálogos dos blogs, com todo o seu linguajar chulo, uma vez que eles constituem o objeto de estudo.

Aquino, 08/01/07); “Que ridículo, ela deu na frente de todo mundo e nem se importou. Não queria se expor que fizesse isso entre quatro paredes. Mais sem-vergonha que ela só a justiça, que dá ganho de causa à quem atenta ao pudor. Isso não era crime, por acaso?” (TA, , comentário para o post “Cicarelli Fora do País ou YouTube?” em Carlos Aquino, 08/01/07).

A palavra “vagabunda” e seus sinônimos chulos são recorrentes nos *blogs*, que apenas se utilizam do mesmo vocabulário corrente no mundo real, e merecem particular atenção.

O estigma de “puta”, de desonesta, se concretizou no mundo ocidental com o cristianismo. No mito fundador de Adão e Eva, o homem é a primeira criação divina, a obra-prima, cuja solidão demandou uma companhia, feita a partir de sua costela e a ele semelhante: uma mulher. E foi justamente ela, com seus artifícios naturais, que o seduziu a cometer o pecado original, comendo o fruto proibido. Por castigo, Deus os expulsou do paraíso e os condenou a seus papéis eternos: o homem, ao trabalho suado com a terra; a mulher, ao parto doloroso.

Para redimir as mulheres do malogro, eis que surge Maria, uma mulher que traz consigo um estranho paradoxo: mãe/virgem. Nunca pertenceu a ninguém e por ser livre de máculas fez por merecer o filho de Deus. Foi ela que guardou um lugar seguro para as mulheres ao longo da história ocidental, exaltado de forma dominante pela Igreja Católica ao longo de toda a Idade Média, e que desembocaria na condensação da idéia castradora da mãe e dona-de-casa senhora do espaço privado doméstico, um verdadeiro refúgio para as agruras vividas pelo marido no espaço público. Essa exaltação da virgem “teve em contrapartida a desvalorização da sexualidade” (DELUMEAU, 2001: 319), de aceitação estritamente contida ao universo matrimonial.

Dessa época em diante, a mulher foi diabolizada fora desse reduto, se tornando alvo das mais virulentas acusações: feiticeira, traidora, infiel, incapaz e burra. Suas características e papéis sociais foram encarados com desconfiança e de forma pejorativa. Conceituada como emotiva em excesso, fantasiosa, fútil e perigosamente bela, ao longo da história a mulher não apresentou nenhuma qualidade marcante que lhe garantisse um tempo único. Isso é perceptível nas teorias socialistas, por exemplo, que falavam com paixão de igualdade e fraternidade entre os homens, apenas, e problematizavam a questão da apropriação da mais-valia pelo capital de forma assexuada, perpetuando uma visão estritamente masculino-mercantil da esfera pública (SCHOLZ, 1992).

Após a Revolução Francesa, com o iluminismo dos séculos XVIII e XIX, insistiu-se em estudar a mulher a partir de um forte preconceito de gênero. A ciência “provou” por A + B que as mulheres são de natureza submissa e não devem ter maiores pretensões que a maternidade e a vida no lar. Esculpiu-se no imaginário coletivo o arquétipo de uma mulher de surpreendente ligação com a natureza. Uma natureza convenientemente subordinada ao homem, sendo esse diretamente ligado à cultura, ao racional e ao poder por ele conquistado ao longo da história.

Entre 1840 e 1860, o discurso médico afirmou que “o gozo feminino não é necessário à fecundação: esta confirma a vocação materna da mulher, justifica o egoísmo masculino e fundamenta a hostilidade contra o inútil clitóris” (KNIBIEHLER, citada por CANTONNÉ, 2001: 73).

Já no século XX, com o advento da pílula e a revolução sexual, os papéis de masculino e feminino respiraram em meio às aberturas trazidas pela modernidade. Entre as novidades do mundo globalizado, tornou-se uma questão a negação do gozo feminino. Sem a obrigação da maternidade, a mulher pôde finalmente ler, falar e repensar informações sobre sua própria sexualidade. O orgasmo se torna, então, assunto nas rodinhas femininas.

No entanto, não é certo que o gozo chegou em uma hora apropriada, já que veio, ainda, como posse do homem. É ele quem incita e é dele o poder de fazer gozar. É o ativo que “come” o corpo passivo, dela, cujo prazer é apenas uma oferenda. A mulher sente o orgasmo para excitar o parceiro, pois na cabeça de ambos o seu gozo pertence a ele. No fim das contas, ainda que o prazer feminino seja levado em conta, é o homem quem ainda leva o crédito por toda a relação, mesmo que ela seja a dois.

Essas representações estão presentes no imaginário coletivo e formam uma ideologia que apenas foi problematizada com o surgimento recente das teorias de gênero, já estabelecidas, mas ainda hoje em franco desenvolvimento. Mas, como campo de estudo, suas complexas formulações teóricas encontram dificuldades em serem aceitas fora dos limites do mundo feminista. Está bem longe das idéias do senso comum, pois se trata de um assunto sobre o qual todos “conhecem” tudo e confiam no que sabem.

No dia-a-dia, a palavra machismo se limitou ao arquétipo da “mulher Amélia”, dona do lar ostensivamente oprimida pelo marido. Como essa realidade já mudou bastante, aos

olhos leigos as teorias de gênero parecem uma boba coleção de exageros, um complô que apenas as ressentidas insistem em querer ver.

Mas diante de uma teoria de gênero, deve-se ter em mente que

ao falar de dominação masculina, não queremos dizer obviamente que o homem se poste ao lado da mulher constantemente de chicote em punho, para fazer valer a sua vontade. No sentido aventado aqui, o domínio baseia-se essencialmente na institucionalização e na internalização de normas sancionadas pela coletividade. (...) Domínio masculino também não significa que as mulheres se encontrem absolutamente despojadas de seu poder de influência. Este, contudo, restringe-se em boa parte à esfera que lhe é atribuída (SCHOLZ, 1992).

Portanto, muito embora a sexualidade feminina já tenha evoluído ao longo do tempo, a figura da mulher que procura e gosta de sexo, por exemplo, ainda está longe de ser bem quista pela sociedade. No mais, o exercício da sexualidade feminina se restringe à dicotomia entre o que é limpo e o que é sujo, entre pureza e impureza, santidade e prostituição.

### **3.2. O (DES)RESPEITO À (IM)PUREZA: LIMITES AO EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE**

Na gama das representações simbólicas, o conceito de impureza pressupõe a existência da pureza, e essa organização de significados impõe uma repulsa aos elementos sociais considerados impuros. Mas a condição de pureza não é absoluta, e o sentido de um elemento varia conforme o contexto. “A impureza é uma idéia relativa. Estes sapatos não são impuros em si mesmos, mas é impuro pô-los sobre a mesa de jantar” (DOUGLAS, 1976: 50-51). Assim, em uma metáfora corajosa, pode-se dizer que Daniela Cicarelli seja o sapato, e a praia, a mesa: “Outra coisa, eu não conheço o mar, mas já ouvi dizer que transar em água salgada não é das coisas mais ... saudáveis... alguém confirma?” (DUARD, *post* "Pense numa pôpa" em Carlos Aquino).

Aqui, o blogueiro fala em saúde, remetendo a uma questão de higiene, em um discurso dúbio sobre a pureza, que tanto pode ser lida em relação à água como à moral da apresentadora. Essa sujeira traz à tona a transgressão, que como tal deve ser apontada e condenada ostensivamente, para delimitar as fronteiras do moralmente aceitável.

Do mesmo modo, a ordem ideal da sociedade é mantida graças aos perigos que ameaçam os transgressores. (...) Uma ameaça que permite a um homem exercer sobre outro um poder de coerção (DOUGLAS, 1966: 15).

A simbologia social prevê a inteligibilidade de condutas indesejáveis, que são tomadas como decorrências de uma desordem, como descontroles, doenças e patologias. Assim, o “papel de puta”, distinto do de mulher, é um indesejável previsto, que o poder usa em seu benefício, tornando-o comum e punível: a diferença é vista como desvio da normalidade.

Assim, o comportamento de Cicarelli, tido como anormal, é um lugar-comum indesejável, que desrespeita os limites de seu papel de mulher, e serve como contra-exemplo que reafirma a normalidade do simbólico.

Embora Cicarelli se mostrasse apaixonada pelo seu namorado no vídeo, não é comum ver maiores carícias no cotidiano, no cinema, na literatura, enfim, lugar de alteridade das mulheres. Nos açucarados romances femininos o fim chega com as mãos entrelaçadas, apenas. O clássico "e viveram felizes para sempre" ignora e camufla o ato sexual em si, pois esse pertence ao homem. A partir desse instante, e para sempre, o romance se torna realidade do macho. Qualquer mulher que desempenhe esse papel é estigmatizada, já que as representações sociais não admitem troca de papéis.

No ato sexual em si, cada gênero tem sua função social. Aos homens cabe o sexo por prazer, às mulheres o sexo por amor, sempre. Sendo esse amor infinito, parte da mulher como um ser único ao longo da história. Um amor poderoso e imutável como os ciclos da natureza. Quando essas representações são postas em risco, a transgressão toma o significado de perigo social.

Por isso, muito embora seja válido, o central não é questionar os motivos pelos quais não se critica o namorado. Até porque a resposta é óbvia: Ricardo Malzoni apenas está exercendo o seu papel de homem. É Cicarelli quem deve ser crucificada, pois ela se afastou do ideal feminino: “Isso aí... vamos todos apoiar esse boicote! É o maior castigo que ela pode ter. Vai perder todos os seus contratos publicitários, o que já vem acontecendo desde a divulgação desse vídeo. Pra quê comprar os produtos anunciados por ela? Eu que não desejo me identificar com essa mulher. (FANTA UVA, comentário para "Boicote à Cicarelli?" em Blog da Maysa).

A comentarista adota a posição de santa e, por oposição, coloca Cicarelli na posição de “prostituta”. Ao apontar como errado o comportamento da apresentadora, o discurso pretende colocar em ordem o que está fora de seu lugar. Isso só é possível porque o sujeito falante cabe no seu papel, afinal ela se mantém de acordo com os padrões e não se sente

oprimida porque, afinal, “não faz por onde”. A adoção da posição de mulher-honesta entra no discurso para reter o poder argumentativo no lado “certo” da polaridade das personalidades da mulher (santa/prostituta). Assim, ela se faz integrante de uma “polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos” (FOUCAULT, 2001: 28).

O discurso dessa blogueira exerce o único poder que o simbólico de fato concede à mulher-honesta: condenar aquelas que não se comportam de acordo com uma feminilidade recatada.

Além das acusações de prostituta suja, muitos *posts* e comentários apontaram que a maior “gafe” de Cicarelli, como mulher conhecida, foi resolver fazer sexo em local público. A partir desse argumento, emerge o mesmo preconceito: “Os problemas são outros. É a cara de pau de fazer sexo em local público e não querer que ninguém veja. É dar uma de santa, sendo uma coisa completamente oposta. É não assumir sua condição de “figura pública” e ter conduta compatível”. (FABIO CAPRINA LUNA, comentário para "Se toca Cicarelli" em *crisdiasweblog*. Dois mergulhinhos! Dois mergulhinhos!!!).

Dentro da visão de que o “problema é que Cicarelli é uma mulher pública”, muitos blogueiros afirmam não serem machistas, afinal, ela não condisse com sua “figura pública” e não de mulher. Cabe a essa lógica um problema unissex. Se indagássemos a esse comentarista qual seria sua opinião caso o vídeo fosse protagonizado por um homem famoso, é possível que afirmasse que seria a mesma. Como já foi dito aqui, essa suposição não condiz com a realidade do imaginário coletivo. Nesse caso específico, não poderia ser feita ofensas de gênero a esse homem público. Apenas Cicarelli se encontra deslocada: “Ao invés de ficar tentando fechar acesso a sites, ela deveria fazer suas peripécias em locais mais adequados” (MAYSA, comentário para “Daniela Cicarelli o Vídeo” em Carlos Aquino)

Como muitos assuntos polêmicos, os argumentos se polarizaram entre “contra” e a “favor”. No caso, favorável ou não ao comportamento moral da apresentadora. Assim, convém observar que mesmo os que apóiam Cicarelli não saem da lógica segundo a qual mulheres que exercem sua sexualidade fora dos padrões não merecem o devido respeito. A tentativa de tornar normal o exercício livre da sexualidade feminina, não pressupõe o respeito ao diferente, mas apenas um alargamento da noção de igual. A Cicarelli continua sendo “santa”, afinal “quem nunca deu na praia?": “E além do mais ela fez amor com o namorado

dela e não com um qualquer”. (DAYANE, comentário para “Vídeo da Daniela Cicarelli transando na praia” em Perguntas Cretinas). Ou ainda, “ela naum é vadia só pq deu pro namorado dela, vadia é qm bota um vestido sem calcinha e fica rodando em cima de um palco, isso sim é ridículo”. (LEKA, comentário para "video sexo: Daniella Cicarelli e o namorado Tato na praia em Cadiz" em Opus666.com)

Assim, percebe-se como o contexto ideológico em que os discursos foram produzidos leva à conclusão de que, sim, há mulheres que exercem sua sexualidade de forma exagerada e merecem ser execradas, mas Cicarelli não é uma delas e merece perdão. Qualquer opinião não pensa no fato de que não existe uma “essência de puta”, mas sim uma relação de sentido socialmente estruturada.

### **3.4. A BELEZA FEMININA: O MEDO DO CANTO DA SEREIA**

A desconfiança do brasileiro em relação a Cicarelli tomou forma desde seu namoro e rápido casamento com o jogador de futebol Ronaldinho. Na época, não fazia o menor sentido uma modelo como Cicarelli, achar atrativos maiores que não o dinheiro. Mais uma vez dentro da escolha santa/prostituta, muitos optaram pelo estigma.

As suspeitas de que sua índole não era “das melhores” acompanhou Cicarelli desde que se tornou famosa trabalhando como modelo e em peças publicitárias. Como esta análise discorre sobre a repercussão do polêmico vídeo, é interessante pontuar, em especial, algumas questões acerca da beleza feminina.

Por muito tempo os encantos femininos foram vistos como uma armadilha meticulosa do demônio. A bela mulher causou desconfiança a homens e mulheres ao longo da história ocidental. De caráter duvidoso, seria mais seguro que não fosse bela, já que assim, não teria poder de seduzir ninguém com seus artifícios maléficos. Na Idade Média, a Igreja instigava nos fiéis o medo do corpo que inspirava desejos perversos nos homens de fé.

Em um longo processo de mudanças, a mulher aos poucos pôde ser bela sem muitos alardes. Foi a partir do século XV, com a Renascença, que a idolatria do belo sexo teve seu início. O movimento trouxe uma nova significação da beleza feminina, em ruptura com sua diabolização tradicional. Ela é uma perfeição divina, pois Deus, em sua imensa sabedoria, criou a beleza da mulher. Ou seja, a personificação da mulher honesta, aquela que possui ligação com Deus. Tanta doçura servia para ser apreciada pelos artistas e poetas da época.

A idolatria do belo sexo que se restringia somente às mulheres bibelôs da burguesia no século XIX, alcançou todas as classes na modernidade do século XX. A beleza ganhou uma atenção inédita, de agora em diante, ela é propriedade da imprensa, das multimilionárias indústrias do cinema da moda e dos cosméticos.

Com as estrelas de cinema e manequins da moda, os modelos superlativos da feminilidade saem do reino da raridade e invadem a vida cotidiana em larga escala. No século XX a beleza feminina se tornou um negócio, no qual se inaugura “um novo ciclo histórico baseado na profissionalização do ideal estético” (LIPOVETSKY, 2000: 129).

O boom da beleza não extinguiu, no entanto, a desconfiança difusa na sociedade em relação a mulher bonita, mantendo a ideologia de que “a beleza não remete a nada além dela própria, é pensada como uma qualidade física pura que tem apenas valor estético”. (LIPOVETSKY, 2000 p.121.) Apesar de tanto esforço das mulheres para se tornarem belas, um forte preconceito “antiestético” mantém suas raízes arcaicas. Em virtude dessa carga simbólica e histórica que acompanha as belas mulheres, surge um claro paradoxo: todos procuram a beleza, mas dela desconfiam. “Vcs homens morrem de vontade de comer essa loca mas deve ser uma leprenta...fui q nojooo. vcs acham q só, pq tem um corpinho legal é gente?? huahuuaua bote vagabunda”. (CARINE, comentário para "Cicarelli dando na Praia !" em Meu Blog, PORRA!).

O protesto do comentário não se rebela contra a cultura imposta pela beleza. Ele passa batido por esse ponto. O problema tem raízes muito mais profundas que isso. A comentarista deixa cair alguns pressupostos ao longo do caminho expondo que a beleza de Cicarelli é um problema: é necessário ter ressalvas. “Na verdade creio que o que ela esta querendo na realidade e mais mídia, pois a musa já esta bem caidinha” (Indignado, comentário para "Cicarelli dando na Praia" em Meu Blog, PORRA!).

A mulher bonita traz desconfiança por não precisar cultivar em si um bom-caráter e, por isso, usa de sua beleza para conseguir o que quer contando com as fraquezas naturais do homem. Por conseguinte, pode desconfiar das belas esposas, já que, outros homens a cobiçam. O medo de ser traído em pleno século XX ratifica um raciocínio dos antigos monges na Europa do século XI que diziam: “aquele que tem uma esposa feia dela se desinteressa e a odeia, se é bela, ele tem um terrível medo dos galantes” (DELUMENAU, 2001: 318). Nessa perspectiva, é compreensível, também, o medo das esposas pelas belas amantes de seus

maridos. Ou talvez, quem sabe, ela seja apenas burra, já que não precisou exercitar a inteligência para conseguir o que quer e, por isso, não merece ser levada a sério.

Em todo caso, a beleza feminina não vence muitas batalhas impostas pela vida cotidiana. Com a mulher no mercado de trabalho, muitos estereótipos negativos a fizeram perder crédito nesse espaço tão masculino. “Se uma mulher bonita é bem sucedida profissionalmente, não deixam de ser formuladas palavras pouco delicadas sobre as condições do seu sucesso” (LIPOVETSKY, 2000: 184).

Para se impor no mundo empresarial as mulheres, então, devem neutralizar sua aparência. “É apenas mascarando suas formas que será levada à sério” (LIPOVETSKY, 2000: 184). Ou seja: Nada de cabelos longos, seios muito à mostra ou saias demasiadas curtas.

Em nossa sociedade, a condição da beleza pura constitui estruturalmente um problema, porque fere o princípio segundo o qual apenas o que se faz pelo trabalho merece a consagração social. As sociedades democráticas libertaram a beleza feminina de seus laços com o mal; mas nem por isso deixaram de reconhecer aí uma questão equívoca, sempre capaz de provocar escândalo e reprovação (LIPOVETSKY, 2000: 186).

Mas e quando o trabalho de uma mulher é exatamente se mostrar bonita como a modelo Daniela Cicarelli?

### **3.7. O ESPETÁCULO ASBTRATO DE UMA PUNIÇÃO CONCRETA**

A beleza de Cicarelli é tanta que todos querem vê-la nua, fazendo sexo, como forma de satisfazer a curiosidade e equilibrar a relação de poder. A assimetria entre a celebridade e as pessoas anônimas é resolvida com a exposição da intimidade do famoso. Em muitos Posts os blogueiros revelam colocar o endereço que levava ao vídeo de Cicarelli em seus *blogs* para conseguir mais audiência dos internautas. Como esse blogueiro contabilizou, os acessos ao seu *blog* aumentaram bastante por conta desse truque: "Tive um aumento de 5 para 47 comentários no post do vídeo da Cicarelli. O Ponoblog antes do vídeo tinha 2.500 acessos e hoje está com 50.500. E pelo visto só tende a aumentar" (PHPONES, "E o sucesso não acabou, e sim aumentou!" em Ponoblog).

E um comentário ratifica: “Aconteceu isso com o meu blog também man :) . Todo mundo à procura de Cicarelli :)” (TIAGO CELESTINO, comentário para "Efeito Cicarelli" em Carlos Aquino).

A figura da celebridade só é possível numa sociedade que admite conhecer o mundo de forma indireta, por meio de uma mediação tecnológica que reduz as distâncias, mas ao custo do fim da concretude do contato. Uma pessoa comum é elevada a uma posição em que ninguém a conhece de fato, apenas sua fama, e ela mesma se torna um ser abstrato.

Onde o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico. (DEBORD, 2003: 13)

A mídia esconde, então, seu papel de intermediária e se apropria do lugar do sujeito. Nesse processo, o espectador não percebe que olha não para o mundo, mas para a tela de um computador, e que Cicarelli não está fazendo sexo em sua presença, mas sim, que está assistindo a um vídeo produzido para divulgar um fato ocorrido, a uma distância tal, que de outra forma não poderia ser apreendido. Mesmo a filmagem tendo ocorrido na Espanha, os internautas brasileiros não enxergavam a troca do papel do sujeito, nem perceberam a tela entre seus olhos e a modelo. Como espectadores, “não estavam apenas respirando o ar da mídia, mas participando ativamente num evento que sem eles seria sem sentido” (SILVERSTONE, 1999:140).

Desde o início de sua carreira, Cicarelli só é conhecida graças à mídia. O vídeo em questão só existe por conta do *paparazzo*. Mas como o processo é ocultado, ocultado é o próprio *paparazzo*, que não se submete a nenhuma crítica, pois se confunde com o espectador. Assim, Cicarelli sobra como único alvo dos sentimentos e sensações que afloram.

Nesse tipo de espetáculo, observa-se uma eficácia simbólica em que o espectador crê completamente na materialização pela representação. Isso não ocorre, por exemplo, em uma apresentação teatral, na qual o sujeito de início entende o jogo de representação da realidade, e se propõe a criticar a eficiência técnica do que lhe é mostrado.

Preocupado em passar ileso a esse tipo de controle e ganhar dinheiro com o inesperado acontecimento, o *paparazzo* Miguel Temprano seguiu uma receita bem simples: pegue uma modelo famosa, acrescente uma pitada de namorado desconhecido; disponha o casal em uma praia paradisíaca e os exponha ao sol; mexa bem, salpique algumas legendas de duplo sentido,

decore com uma música romântica e *voilà*. Está servida uma bela porção de “paixão brasileira”<sup>6</sup>.

Não é no “prato” em si, mas no ato de saboreá-lo que está o espetáculo. Este se materializa a cada exibição que, mesmo individual, conecta-se ao coletivo, por meio do contexto simbólico em que se assiste ao vídeo.

Esse espetáculo exhibe publicamente a interessante vida privada da celebridade, que não vive nas proximidades concretas do espectador, mas na distância abstrata de sua fama. Ver Cicarelli fazendo sexo é uma forma de tê-la perto, de fazer parte de sua vida, ou seja, de trazê-la a um lugar mais comum. Mas essa participação se dá no papel de um vigia.

Mais grave que o temido autoritarismo intrusivo do Estado, chegou-se à distopia da sociedade panóptica por meio da espetacularização da intimidade, da publicização oportunista da esfera privada, na qual os olhos que vigiam os comportamentos estão em toda parte (FOUCAULT, 1987). As representações sociais presentes de forma difusa nas estruturas de sentido da sociedade garantem a punição, e tornam dispensável a arquitetura concreta da monstruosa torre no centro de um anel, como no *panopticon* de Bentham aludido por Foucault em *Vigiar e Punir* (1987).

Assim, por meio da simbologia, a própria sociedade vigia e pune as transgressões morais, mesmo que o vigilante não se identifique como algoz, mas apenas reproduzindo uma piada: “Tem mais é que se ferrar... hauhaauhauhua (LOU, comentário para "Ela vai processar!!!" em Meu Blog, PORRA!)

O discurso é agressivo, ainda que brincalhão, ocultando o sujeito falante na pretensa graça da situação em que uma mulher subverte as suas limitações de gênero: “Fala sério, se sem casar com o cara ja ta assim, imagina com o fenômeno o que rolou!! Auahauhauhauh” (JULIANO, comentário para “video sexo: Daniella Cicarelli e o namorado Tato na praia em Cadiz” em Opus666.com).

Ainda que se observe a jocosidade dos blogs, mais que representar uma desculpa, isso significa que as pessoas não levam tão a sério o que estão dizendo pela Internet. Utilizando-se de um linguajar chulo e de muitas onomatopéias, traços característicos da gozação, os

---

<sup>6</sup> Conforme relatado no capítulo 1, esse foi o título dado ao vídeo pelo site do programa de TV em que foi ao ar pela primeira vez.

discursos delineiam um preconceito em forma de brincadeira. Paradoxalmente, isso enfraquece e reforça o resultado da ofensa. Afinal, como seria possível combater um argumento que de início não se pretende verdadeiro, pois é apenas uma piada, mas que na prática é extremamente agressivo?

As risadas deixam visíveis os dentes afiados do preconceito de gênero, não havendo punição mais humilhante para Cicarelli do que se tornar uma piada. As brincadeiras raivosas são mais que piadas, pois ofendem de forma real e concreta a intimidade da modelo, ainda que ela seja famosa e distante. O tom jocoso serve apenas de escudo, de proteção, para um eventual questionamento sobre a seriedade dos sujeitos.

Quem espera ser engraçado ao relatar o episódio, acha que o sentido está latente na própria cena, que a “condição de puta” da apresentadora decorreria diretamente do vídeo, e não que se trata de uma construção de significado, num contexto social que não permite o livre exercício da sexualidade, em especial a feminina.

Por trás da distinção entre o sério e lúdico, a pretensa graça se apóia numa “revelação” habilidosamente jocosa da verdade que estava óbvia na própria cena. Se na perspectiva interna de uma piada essa relação verdadeiro/falso é evidente, e não parece ser violenta, no interdiscurso, ela se mostra um sistema histórico de constrangimento (FOUCAULT, 1996: xx)

O sujeito falante não percebe sua responsabilidade pela condenação da apresentadora, já que fala como “sujeito coletivo” e por isso julga: a “culpa” é dela. Os blogueiros vêem como valor intrínseco ao crime o fato de uma celebridade fazer sexo “na frente de todo mundo”. Uma verdade incontestável, de que Cicarelli não se dá ao respeito, e que o seu discurso virtual é, portanto, uma mera descrição da realidade. Mas, considerando que os sentidos do mundo são produzidos pelas representações sociais, percebe-se que o desrespeito é dos internautas com a intimidade da modelo, e não o contrário. São eles que estão à procura da vida dela, e não ela que está invadindo o computador deles.

## CONCLUSÃO

Inicialmente, quando pensei em fazer minha monografia sobre os *blogs*, eu os entendia como meros diários pessoais publicados virtualmente. Ao longo do trabalho, percebi que o *blog* não se trata de um diário individual exatamente por estar disponível em um lugar público. A partir daí, o texto, apesar de ser inteiramente do blogueiro, é feito para os leitores, que servem de destinatários e, com a dinâmica da reciprocidade inerente ao suporte, deixam os seus comentários.

A análise se prendeu aos elementos que foram julgados necessários ao longo da pesquisa, sendo difícil selecionar apenas alguns fatores de gênero, pois esse caso, tão contemporâneo, remete a outras muitas questões.

Ao mapear as regularidades nos discursos, com vistas à alteridade moral de gênero, são percebidos dois "outros". O primeiro é aquele amigável ao interlocutor, que pensa como o "eu" falante e apóia o seu pensamento. O segundo, no caso, Cicarelli, é aquele com quem não se identifica nem se pretende identificar: é a representação do expurgo.

Verificou-se o processo de concepção de uma sociedade estéril a partir dos discursos dos blogueiros. Nessa empreitada, observei que as pessoas não vêem problema em agredir, em fazer o papel de policial, em ser o inquisidor; em tomar para si, com gosto, a interpretação de um papel extremamente nocivo ao outro que se mostrou um diferente.

Cabe aqui, uma advertência:

Sempre que impomos à nossa existência um modelo rigoroso de pureza, tornamo-la terrivelmente desconfortável; e se formos até às últimas conseqüências, desembocamos em contradições ou até na hipocrisia (DOUGLAS, 1966: 190)

As acusações pretensiosas de que a apresentadora "não teria direito de processar ninguém" se basearam unicamente em sua moral, passando longe de argumentos genuinamente jurídicos. Por estar fazendo sexo, conferiu-se como conseqüência quase instantânea a diminuição de sua dignidade. Assim, a conclusão é de que o caso todo se trata não de ditadura, porque "censuraram" o *YouTube*, ou de Cicarelli ser uma pessoa pública agindo de forma incoerente, mas sim, o tempo todo, de sexualidade feminina. A incoerência é a própria Daniela. É ela que estava fora do seu lugar de mulher. Diante do contexto ideológico

descrito ao longo deste trabalho, pode-se afirmar que os discursos teriam se produzido de forma bem distinta se ela não fosse mulher.

A análise da repercussão do episódio nos *blogs* permitiu mensurar as nuances do tratamento simbólico-representativo que foi dado em relação às questões de gênero. A observação das estruturas de sentido do contexto sócio-histórico e ideológico em que foram proferidos os discursos dos blogueiros permite visualizar que, em seu universo virtual, a Internet reproduz os velhos conceitos morais e permite uma nova espetacularização dos papéis típicos de gênero.

O espetáculo atingiu um nível que permitiu “esquecer” a obviedade de que Cicarelli não fez sexo na frente de todo mundo. Se ela não fez sexo dentro de um quarto, assumiu, então, os riscos de sua exposição. Recorrentemente serviu de argumento para tachá-la de “puta” o seu desrespeito às pessoas que a viram. No entanto, a modelo sequer se encontrava no Brasil quando foi filmada. A circulação do vídeo dependeu da mediação do *paparazzo* que, por oportunismo, construiu o vídeo. Sem ele o episódio nunca existiria.

É necessário deixar claro que as tantas pessoas viram ao vídeo porque quiseram, já sabendo do conteúdo, desde o título, que trazia: “Cicarelli transando na praia”. Os espectadores, todos virtuais, não eram desavisados que foram ofendidos por uma cena de sexo casual “ao vivo”, mas observadores conscientes e curiosos, que acabaram por ofender a única “desavisada”.

Para os blogueiros que agrediram verbalmente Cicarelli, a desigualdade entre gêneros não vem ao caso. Ela nem mesmo é percebida. Sabe-se do machismo, mas de uma forma abstrata, sendo assim, nunca é possível condená-lo em suas manifestações concretas. Em outras palavras, saber da existência de um tratamento desigual entre os gêneros, na vida real, não adianta muito se ele não é compreendido quando se manifesta nos discursos que circulam com intensidade nos espaços virtuais de comunicação. Assim, é complicado lutar contra um fantasma, que quando apontado, tem negada sua existência.

O comportamento sexual de Cicarelli representou uma transgressão aos limites da feminilidade, que teve com resposta uma violência contundente, ainda que, jocosa, baseada na idéia maniqueísta do binômio santa/prostituta, potencializada ainda pela desconfiança especulativa contra uma mulher que vive de sua beleza. Por isso, não se tem aqui a ilusão de que desarticulássemos a teia argumentativa contra Cicarelli, apontando e desdizendo cada

uma das acusações levaria à desconstrução do preconceito de gênero difuso nas representações sociais. Já que estão difundidos na forma de verdade exterior à mente humana.

A pretensa liberdade sexual da modernidade não se distingue do binômio santa/puta de sempre. E pior, desse conceito ninguém se dispõe a sair. Nos *blogs* analisados, e nos numerosos visitados, nada se subverteu. Percebem-se as velhas questões de gênero tomando sua forma histórica, apenas mudando a oportunidade de sua reativação. Assim como nas relações diárias do mundo real, no mundo virtual um mesmo acontecimento é compreendido de forma distinta de acordo com o sexo. Isso ninguém nega, nem quem a ataca nem quem a defende. Mas ao mesmo tempo não se contesta, nem parece se incomodar com tamanha desigualdade. O nocivo não é apenas a reprodução do sentido, mas sim a revelação de uma “verdade própria” dos acontecimentos: o problema não estava fazer sexo, mas no sexo de quem estava fazendo.

O fato de ela ter feito sexo fora de um quarto oculta a obviedade de que, mesmo assim, Cicarelli ainda não fez sexo na frente de todo mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANTONNÉ, Jean-Philippe. *A Sexualidade ontem e hoje*. trad. Michèle Iris Koralek. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 40).

DELUMEAU, Jean. Os agentes de satã III. A mulher. *Em História do medo no Ocidente: 1300 – 1800, uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lúcia Machado. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp. 310-349.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo. Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu*. Trad. por Sónia Pereira da Silva. Lisboa: Edições 70, 1966 (Col. Perspectivas do Homem, n.º 39).

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. SAMPAIO, Laura Fraga de Almeida. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir*. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Seleção de Textos*. São Paulo: Abril cultural, 1976 (Os Pensadores).

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher: permanência e revolução do feminismo*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2000.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso*. 6ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PORTO, Porto Dayrell (Org.). *Sexo, afeto e era tecnológica: um estudo de chats na Internet*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia operativa*. – 2ª ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

## PESQUISA EM SITES

DEBORD, Guy. A SOCIEDADE DO ESPETÁCULO. Coletivo Periferia. eBookLibris, 2003 (Projeto Periferia). Disponível em <<http://sevicisc.incubadora.fapesp.br/portal/Members/pelegrini/ntc/socespetaculo.pdf>>. Acesso em 13 mar. 2007.

FOLHA ONLINE. *Vídeo com "cenas quentes" de Cicarelli e namorado cai na web*. Em Ilustrada, 18 de setembro de 2006. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u64446.shtml>>. Acesso em 6 jan. 2007.

\_\_\_\_\_. *Justiça solicita bloqueio de site YouTube por veicular vídeo de Cicarelli*. Em Informática, 4 de janeiro de 2007. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u21292.shtml>>. Acesso em 22 fev. 2007.

G1, O Portal de notícias da Globo. *Vídeo de Cicarelli tem 2 horas, diz representante de fotógrafo*. Em Pop & Arte, 22 de setembro de 2006. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,AA1282804-7084,00.html>>. Acesso em 6 jan. 2007.

PATIAS, Jaime Carlos. *O espetáculo da violência no telejornal sensacionalista: uma análise do "Brasil Urgente"*. Em Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2005. Disponível em <[http://www.facasper.com.br/pos/mestrado/pdf/jaime\\_carlos\\_patias.pdf](http://www.facasper.com.br/pos/mestrado/pdf/jaime_carlos_patias.pdf)>. Acesso em 10 abr. 2007.

PORFÍRIO, Fernando. O namoro do ano. Justiça confirma veto ao vídeo de Cicarelli na internet. Em *Revista Consultor Jurídico*, 28 de setembro de 2006. Disponível em <<http://conjur.estadao.com.br/static/text/48727,1>>. Acesso em 6 jan. 2007.

RIPARDO, Sérgio. *Cicarelli passou dos limites com vídeo, diz Bruna Surfistinha*. Em Folha Online, Ilustrada, 23 de setembro de 2006. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u64611.shtml>>. Acesso em 6 jan. 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Trad. Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. *DHnet - Direitos e Desejos Humanos no Ciberespaço*.

Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html)>. Acesso em: 30 abr. 2007.

SCHOLZ, Roswitha. O valor é o homem. Teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos. Disponível em *EXIT! Crise e Crítica da Sociedade da Mercadoria*, 1992 <<http://obeco.planetaclix.pt/rst1.htm>>. Acesso em 7 abr. 2007.

TELECINCO - Web oficial de la cadena de Televisión. La pasión brasileña. Em *Sábado Dolce Vita - Web oficial del programa de Telecinco*, 2006. Disponível em <[http://www.dolcevida.telecinco.es/dn\\_97.htm](http://www.dolcevida.telecinco.es/dn_97.htm)>. Acesso em 23 fev. 2007.

### **BLOGS PESQUISADOS**

BLOG DA MAYSA. *Boicote à Cicarelli?*, 8 de janeiro de 2007. Disponível em <<http://www.maysadecastro.com.br/blog/2007/01/08/boicote-a-cicarelli/>>. Acesso em 31 jan. 2007.

CARLOS AQUINO. *Cicarelli Fora do País ou YouTube?*, 8 de janeiro do 2007. Disponível em <<http://duard.com.br/blog/?p=552>>. Acesso em 9 mar. 2007.

\_\_\_\_\_. *Daniela Cicarelli o Vídeo*, 5 de janeiro de 2007. Disponível em <<http://duard.com.br/blog/?p=550>>. Acesso em 15 fev. 2007.

\_\_\_\_\_. *Efeito Cicarelli*, 26 de setembro de 2006. Disponível em <<http://duard.com.br/blog/?p=315>>. Acesso em 22 abr. 2007.

\_\_\_\_\_. *Pense numa pôpa*, 18 de setembro de 2006 Disponível em <<http://duard.com.br/blog/?p=311>>. Acesso em 3 dez. 2006.

CRISDIASWEBLOG. DOIS MERGULHINHOS! DOIS MERGULHINHOS!!!. *Se toca Cicarelli*, 9 janeiro de 2007. Disponível em <<http://www.crisdias.com/2007/01/09/se-toca-cicarelli/>>. Acesso em 31 jan. 2007.

HOJE É UM BOM DIA. *...E não é que pegaram a Daniela Cicarelli trepando na praia?*, 18 de setembro de 2006. Disponível em <<http://hbdia.blogspot.com/2006/09/blog-post.html>>. Acesso em 23 jan. 2007.

MEU BLOG, PORRA!. *Cicarelli dando na Praia !*, 18 de setembro de 2006. Disponível em <<http://mitcha.wordpress.com/2006/09/18/cicarelli-dando-na-praia/>>. Acesso em 31 jan. 2007.

\_\_\_\_\_. *Ainda Cicarelli...*, 19 de setembro de 2006. Disponível em <<http://mitcha.wordpress.com/2006/09/19/ainda-cicarelli/>>. Acesso em 24 fev. 2007.

\_\_\_\_\_. *Ela vai processar!!!*, 21 de setembro de 2006. Disponível em <<http://mitcha.wordpress.com/2006/09/21/ela-vai-processar/>>. Acesso em 24 fev. 2007.

PERGUNTAS CRETINAS. Vídeo da Daniela Cicarelli transando na praia - Fotos da Juliana Paes, Luana Piovani, Britney Spears, Adriane Galisteu sem calcinha (inclui o “vídeo”), 22 de setembro de 2006. Disponível em <<http://www.perguntascретinas.com.br/daniela-cicarelli-video-na-praia-juliana-paes-sem-calcinha-foto/>>. Acesso em 19 mar. 2007.

PONOBLOG. *E o sucesso não acabou, e sim aumentou!*, 26 de setembro de 2006. Disponível em <<http://phpones.wordpress.com/2006/09/26/e-o-sucesso-nao-acabou-e-sim-aumentou/>>. Acesso em 20 dez. 2007.

OPUS666.COM. *video sexo: Daniella Cicarelli e o namorado Tato na praia em Cadiz*, 20 de setembro de 2006. Disponível em <<http://www.opus666.com/video-sexo-daniella-cicarelli-e-o-namorado-tato-na-praia-em-cadiz/>>. Acesso em 24 fev. 2007.

## APÊNDICE

### O QUE É UM *BLOG*?

Atualmente, além de consumir, o internauta pode produzir informação. Hoje, qualquer pessoa com acesso à rede mundial de computadores, e um certo manejo, pode expressar livremente suas idéias e opiniões num *blog*.

Pode-se conceituar um *blog* como um site cujo conteúdo é gerado por um internauta e cujas atualizações, em formato de diário, são dispostas em ordem cronológica. Essa definição, contudo, não dá conta da relevância contemporânea desse meio de comunicação específico.

Em 1997, surgiu o termo *weblog*, para se referir ao endereço virtual (*web*) em que o autor registraria (*log*) os endereços de outras páginas pessoais que achava serem do interesse de seus poucos leitores<sup>7</sup>. Um ano e meio depois, decorrente da popularização do trocadilho *We Blog*<sup>8</sup>. (nós “blogamos”), surgiu a forma curta *blog*, juntamente com o verbo *to blog* (“blogar”). Assim, já na gênese do nome, verifica-se um componente de autoprodução comunicativa, em que os próprios *blogs* se batizaram.

Nos anos seguintes esse tipo de site se popularizou cada vez mais. O site *Technorati*, uma ferramenta de busca especializada em sites de conteúdo gerado por usuários, contabiliza 100.000 novos *blogs* por dia<sup>9</sup>, e apurou que o número total tem dobrado a cada oito meses, ultrapassando 57 milhões novembro de 2006<sup>10</sup>. Por fim, o que evidencia de forma cabal a intensa atividade desse tipo de sites é o número diário de entradas (os chamados *posts*): 1,3 milhões.<sup>11</sup>

A par dos números, qualitativamente, têm-se que os caminhos literários, sintáticos e gramaticais de um *blog* podem ser traçados livremente pelo seu dono, assim como o assunto de cada *post*.

---

<sup>7</sup> <http://www.robotwisdom.com/home.html>

<sup>8</sup> Criado jocosamente por Peter Merholz, na barra lateral do seu Peterme.com.

<sup>9</sup> <http://technorati.com/weblog/2006/11/161.html>

<sup>10</sup> <http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/6129496.stm>

<sup>11</sup> Especificamente quanto à blogosfera brasileira, as estatísticas ainda são incipientes. A Pesquisa Blogosfera Brasil, realizada pelo site Verbeat < <http://www.verbeat.org/pesquisablogosferabrasil/>>, embora tenha sido muito bem estruturada, conseguiu apenas 600 usuários.